



Centro de Estudos de
Segurança e Cidadania

UNIDADES DE POLÍCIA PACIFICADORA: O QUE PENSAM OS POLICIAIS

APOIO INSTITUCIONAL E FINANCEIRO:



FORDFOUNDATION

APOIO OPERACIONAL:



CPP



Equipe

Coordenação geral:

Barbara Musumeci Soares
Julita Lemgruber
Leonarda Musumeci
Silvia Ramos

Pesquisa e coordenação de campo:

Alberto Alvadia Filho

Estatística:

Leonardo Paris

Digitação do banco de dados:

Carolina Wagner Moreira

Apoio administrativo:

Ana Paula Lima de Andrade
Dorival Raposo Júnior

Trabalho de campo:

Adriana Viriato
Ana Paula Costa
Cesar Teixeira
Cintia Lopes
Frank Davies
Johny Giffoni
Jorge Paes
Sandra Cabral
Vany Pessione

INTRODUÇÃO

Barbara Musumeci Soares
Julita Lemgruber
Leonarda Musumeci
Sílvia Ramos

Coordenadoras do CESeC/Ucam

Desde a década de 1990, o Rio de Janeiro conheceu várias experiências de policiamento comunitário ou de proximidade. Muitas trouxeram resultados positivos, mas foram desativadas. Em todas elas faltou o elemento crucial para converter um experimento isolado em política de segurança ou em uma nova prática policial consolidada. Faltou o apoio efetivo dos governadores e dos comandos da Secretaria de Segurança e da Polícia Militar.

Hoje essas condições estão presentes, o que explica, em boa medida, as expectativas positivas de vastos setores da sociedade em relação às UPPs, que, junto com a participação dos moradores das favelas e da população em geral, poderão assegurar a sustentabilidade do projeto.

Evidentemente, as Unidades de Polícia Pacificadora não podem ser vistas como expressão de um projeto definitivo e acabado. Trata-se de um processo em curso sujeito a transformações e correções de rota. Seu sucesso depende de inúmeros fatores: um deles é a forma como os policiais percebem o projeto e compreendem o trabalho que estão realizando.

Várias pesquisas em andamento contemplam a visão dos moradores das favelas com UPPs. O Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), da Universidade Cândido Mendes, buscou levantar, por meio de uma amostra representativa de policiais das nove primeiras UPPs, a visão dos soldados e cabos que fazem o trabalho cotidiano nessas unidades, focalizando os que, em última instância, são os responsáveis pela execução do projeto. Os primeiros resultados da pesquisa representam o momento zero, a partir do qual o CESeC pretende acompanhar os desdobramentos do trabalho, ao longo dos próximos dois anos. Os dados já foram apresentados à PM e à Secretaria de Segurança. O comando das UPPs os considerou consistentes com suas próprias avaliações e diversos aspectos apontados na pesquisa já estão sendo objeto de investimentos e aprimoramentos.

Na primeira etapa do levantamento, realizada em setembro de 2010, observou-se que os policiais, em sua maioria, ainda não viam as UPPs como um novo modelo de policiamento, ou seja, ainda não tinham “vestido a camisa” e incorporado a filosofia que, em tese, inspira o projeto. Comparativamente ao resultado de outras pesquisas com policiais, o nível de

satisfação com o trabalho na UPP era, no momento das entrevistas, consideravelmente alto: 40% dos policiais se disseram satisfeitos na maior parte do tempo e 63% consideravam ter recebido uma formação adequada para o trabalho. Entretanto, mesmo levando em conta as dificuldades do trabalho nas favelas, foi ainda muito elevado o número de policiais que afirmou que preferiria trabalhar em outras unidades da PMERJ (70%). Quando instados a fazer sugestões para as UPPs, mais de 60% se voltam para a melhoria das condições de trabalho, mostrando que o que os mobiliza são questões individuais, particularmente insatisfação com salários, instalações e distância entre o trabalho e a moradia. Em outras palavras, os policiais demonstraram que suas demandas, percepções e interesses não diferem muito daquelas de seus colegas dos batalhões tradicionais.

Segundo os policiais, a receptividade da população das favelas vem melhorando e a rejeição diminuindo, graças à permanência e à forma de trabalho da polícia - o que ajudaria a aplacar os temores de que essa seria mais uma experiência efêmera. Para 49% deles, todavia, a imagem das UPPs transmitida pela mídia é melhor do que a realidade. Provavelmente, porque a mídia não tem dado voz ao ponto de vista dos policiais, nem tem ressaltado as dificuldades cotidianas que eles enfrentam nesse tipo de trabalho.

O que se destaca, finalmente, dessa primeira etapa do levantamento, é a importância de que a formação dos policiais valorize os princípios do policiamento de proximidade, enfatizando os elementos capazes de reforçar a identificação dos agentes com o projeto, de ressaltar a novidade do modelo e a importância do trabalho realizado por cada um. Embora, até o momento, as UPPs estejam colhendo muito mais sucessos do que fracassos, há diversos desafios a serem enfrentados para que elas se tornem efetivamente sustentáveis. Um deles é fazer com que os policiais de ponta sintam-se também beneficiários do projeto e responsáveis diretos pela mudança das relações entre população e polícia.

A pesquisa – primeira etapa (2010):

▶ Inicialmente, para montar o questionário, foram ouvidos 29 policiais em 3 grupos de discussão, compostos por:

- ✓ Comandantes das UPPs pesquisadas e outros 3 oficiais
- ✓ Cabos e sargentos
- ✓ Soldados

▶ O questionário, com 60 perguntas, foi aplicado a uma amostra aleatória e probabilística de policiais, composta por 349 soldados e 10 cabos, entrevistados nos seus locais de trabalho entre 22 de novembro e 14 de dezembro de 2010.

▶ A coleta de dados quantitativos abrangeu as 9 UPPs já inauguradas quando do início da pesquisa:

- | | | |
|------------------|--------------------------------|-------------|
| ✓ Santa Marta | ✓ Cantagalo e Pavão-Pavãozinho | ✓ Borel |
| ✓ Cidade de Deus | ✓ Providência | ✓ Formiga |
| ✓ Batan | ✓ Chapéu Mangueira e Babilônia | ✓ Tabajaras |

▶ O questionário abordou os seguintes temas:

- ✓ perfil dos policiais
- ✓ formação e treinamento para o trabalho nas UPPs
- ✓ condições de trabalho
- ✓ características e problemas da comunidade
- ✓ relação dos moradores com os policiais
- ✓ avaliação dos policiais sobre o projeto das UPPs
- ✓ graus de satisfação e expectativas dos policiais

I. Perfil dos policiais entrevistados

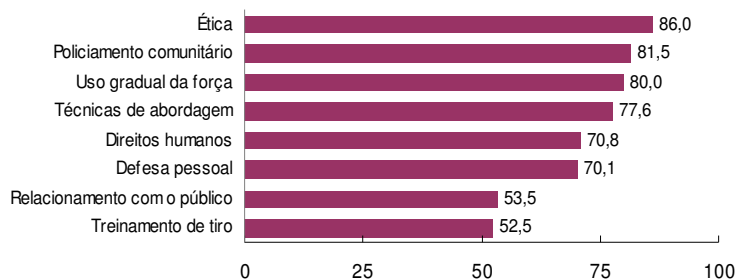
- ◆ Dos 359 entrevistados, apenas 3 são mulheres.
- ◆ A grande maioria (quase 85%) tinha de 25 a 33 anos de idade na ocasião da pesquisa; a idade mais baixa registrada foi 22 anos e a mais alta, 40.
- ◆ 57,6% são casados ou vivem em união consensual e 47,6% têm pelo menos um filho.
- ◆ 63,5% têm ensino médio completo; 27%, superior incompleto e 8,4%, superior completo.
- ◆ 16,4 % estavam estudando no momento da pesquisa, a maioria (59,3%) em cursos universitários.
- ◆ 49,6% se definiram como pardos; 31,1% como brancos e 17,1% como pretos.
- ◆ 45,9% declararam ter renda domiciliar mensal entre 5 e 10 salários mínimos e 31,5%, entre 3 e 5 salários.

II. Avaliação da formação profissional

- 🌈 Em sua maioria (63%), os policiais consideraram ter recebido uma preparação adequada para trabalhar na UPP; dos que disseram não se sentir preparados, a maioria queixou-se da falta de disciplinas práticas.
- 🌈 Apesar de a maioria se considerar preparada, quase metade dos entrevistados (48,5%) disse sentir falta de um policial mais experiente para orientá-lo.

De uma lista de dez itens apresentada no questionário, a maior parte dos policiais avaliou que 8 foram adequadamente ministrados na sua formação.

Itens que a maioria dos policiais considerou adequados na formação (%)

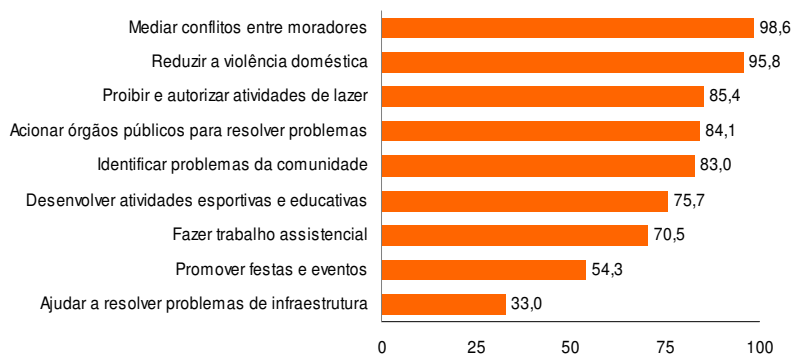


Os itens de formação avaliados em maior proporção como inadequadamente ministrados foram *uso de armas não letais* e *procedimentos para violência doméstica* (42% e 43%, respectivamente).

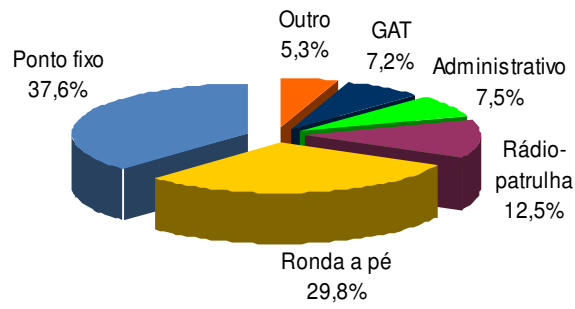
III. Atribuições e atividades dos policiais nas UPPs

Para praticamente todos os entrevistados *mediar conflitos* e *reduzir a violência doméstica* são atribuições do policial de UPP.

O que os policiais de UPPs consideram suas atribuições (%)



Tipo de trabalho que os policiais realizam a maior parte do tempo

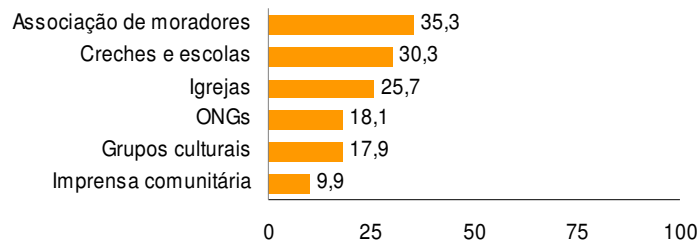


Atividades realizadas com frequência (%)



■ Considerando-se a natureza do policiamento comunitário ou de proximidade, são poucos os policiais engajados numa das atividades típicas do programa, que é o contato com organizações e associações existentes nas comunidades.

Instituições com que os policiais tentaram estabelecer contato (%)



IV. Percepções sobre receptividade dos moradores

◆ Segundo os entrevistados, os sentimentos da maioria da população em relação aos policiais das UPPs melhorou desde o início do projeto:

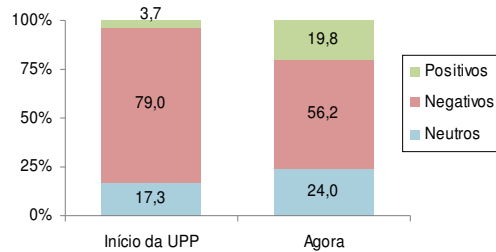
➤ Para 79%, no início da UPP a maior parte dos moradores tinha sentimentos negativos em relação aos policiais, como medo (segundo 17% dos entrevistados), desconfiança (28,5%) e raiva (29%)

➤ Porém, para a maioria dos entrevistados (56,2%), os sentimentos atuais da população são predominantemente positivos: simpatia (segundo 17% dos policiais), respeito (14,6%), admiração (7%) e aceitação (17,6%).

Gráfico 

◆ A mudança positiva, na visão dos policiais, se deve a vários fatores, com destaque para a forma de trabalho e a própria presença contínua da polícia nas comunidades.

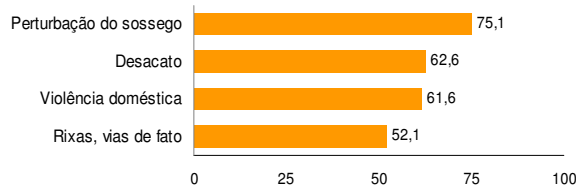
Percepção dos policiais sobre sentimentos da população



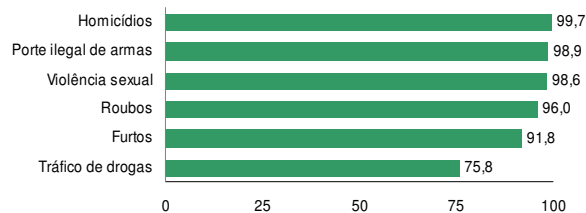
- ◆ A maioria dos policiais identifica como segmentos mais receptivos à chegada da UPP *as crianças, os adultos e idosos*, e como mais hostil, *os jovens*.
- ◆ Além da idade, outro fator associado à receptividade foi ser trabalhador (segmento receptivo) ou pessoa ligada direta ou indiretamente ao crime (segmento hostil).

V. Condições de segurança nas UPPs, segundo os policiais

Ocorrências que a maioria dos policiais considera muito frequentes (%)



Ocorrências que a maioria dos policiais considera pouco frequentes ou inexistentes (%)



☀ Embora as ocorrências mais comuns possam ser consideradas de menor potencial ofensivo, praticamente todos os policiais (94%) acham necessário portar fuzil no dia-a-dia da UPP.

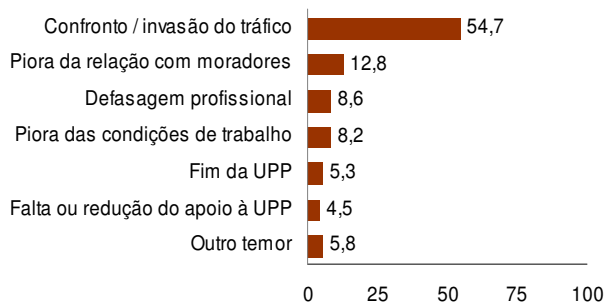
❖ Mais da metade das justificativas para essa necessidade (51,4%) refere-se ao risco de um ataque externo ou à permanência de traficantes e armas no interior ou no entorno da comunidade.

❖ Outras justificativas fazem referência ao fuzil como arma apropriada ao uso policial e importante para a ostensividade, a intimidação, a segurança e a prevenção do crime.

❖ Muito poucas (1,8%) mencionam a necessidade de uso do fuzil apenas nos pontos mais vulneráveis da comunidade.

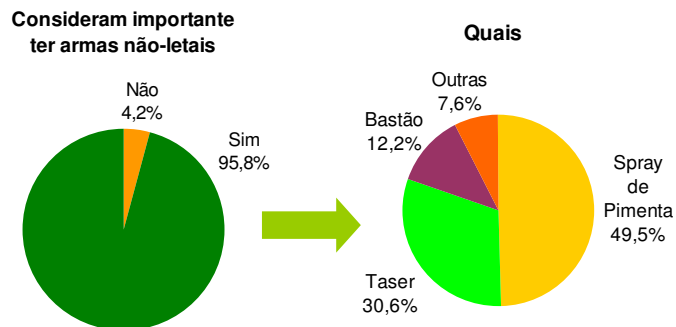
☀ O receio de ataques externos que, para muitos, justifica o uso generalizado de fuzil, também aparece como a principal preocupação dos policiais quando se pergunta o que mais temem que lhes possa acontecer trabalhando na UPP.

O que os policiais mais temem



VI. Avaliação dos equipamentos e das condições de trabalho

→ Embora somente um terço dos policiais porte armas não letais, a maioria absoluta diz considerá-las necessárias, sobretudo spray de pimenta e taser:



→ De uma lista de itens referentes a condições de trabalho apresentada no questionário, o único avaliado como positivo pela maioria dos policiais foi a distância entre a UPP e o batalhão.

→ Para os demais itens, a avaliação "bom" teve sempre menos de 40% de respostas.

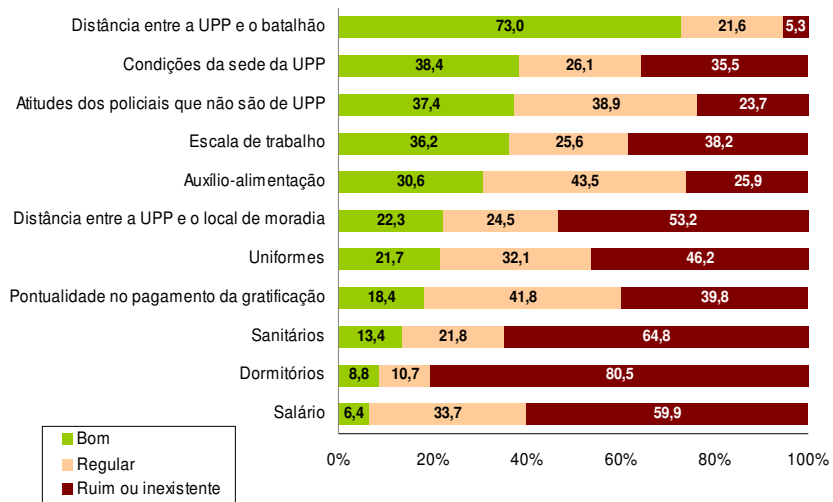
→ Por sua vez, a avaliação negativa apareceu com mais frequência nos itens *dormitórios* (80,5%) e *sanitários* (64,5%).

→ Apesar de receberem gratificação por trabalhar em UPPs, quase 60% dos entrevistados consideram o salário ruim.

Gráfico



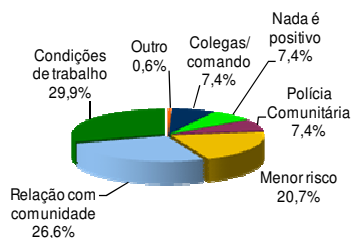
Avaliação das condições de trabalho (%)



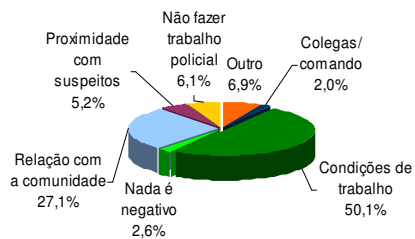
➔ Quando perguntados sobre os melhores e os piores aspectos do trabalho na UPP, as respostas mais frequentes, tanto positivas quanto negativas, referem-se às *condições de trabalho* e à *relação com a comunidade*.

☐ Neste último aspecto, é digno de nota que apenas 6% dos entrevistados tenha avaliado como boa a educação e a civildade da maioria dos moradores.

O melhor do trabalho na UPP

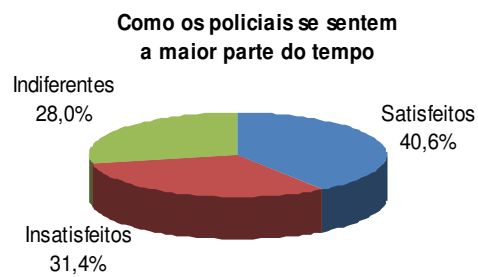


O pior do trabalho na UPP

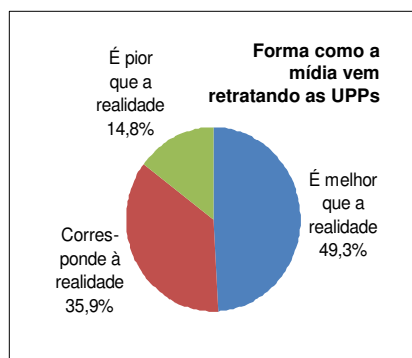


VII. Satisfação dos policiais

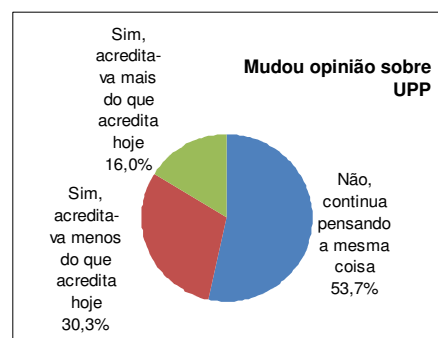
Em comparação com os resultados de outras pesquisas sobre policiais militares (por exemplo, Minayo; Soares & Rolim; Sento-Sé), é relativamente baixo o percentual de policiais das UPPs que se dizem *insatisfeitos* (menos de 1/3):



Quase 1/3 dos policiais melhorou sua opinião sobre as UPPs desde o início do trabalho.



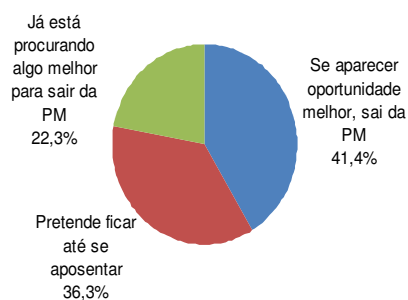
Quase metade dos entrevistados acha que a mídia retrata as UPPs de forma mais positiva do que elas são na realidade.



✦ Apesar das melhorias na percepção dos policiais e da população, quase 70% dos PMs entrevistados prefeririam estar fora da UPP, trabalhando sobretudo nos batalhões tradicionais.

✦ Talvez pelo fato de ser composto por policiais jovens, em início de carreira, parte do contingente das UPPs não pensa ficar na PM até se aposentar:

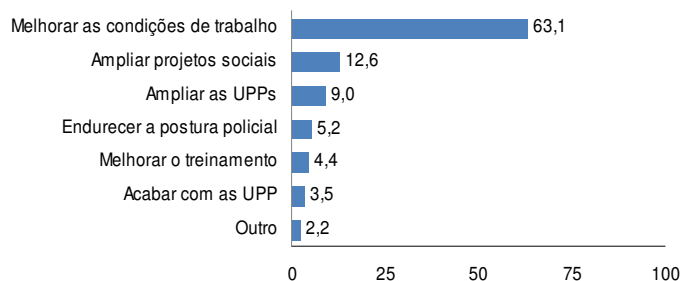
Planos em relação à Corporação



VIII. Sugestões dos policiais para as UPPs

✦ Perguntados sobre o que fariam se tivessem o poder de tomar medidas relativas às UPPs, a maioria dos policiais sugeriu espontaneamente melhorar as próprias condições de trabalho.

Propostas dos policiais para as UPPs (%)



✦ Entre os que responderam melhorar as condições de trabalho, os itens mais citados foram infraestrutura (37,6%), salários (24,7%) e escala (9,8%).

Observações finais

👉 Parece não ter sido ainda desenvolvida, entre os policiais, uma cultura de pertencimento a um grupo especial ou de adesão a um novo modelo de polícia.

- As demandas e percepções estão marcadas, predominantemente, pelos interesses e questões de natureza individual, como salário, escala e condições de trabalho.

👉 As percepções dos policiais sobre os temas abordados variam de uma comunidade a outra, porém não de forma regular que permita estabelecer correlações entre níveis de satisfação e características das UPPs.

- Isso reforça a ideia de que o que pesa na avaliação do policial não tem relação com o novo modelo de policiamento, mas sim com seus interesses, problemas e demandas individuais.
- Há, portanto, a necessidade de enfatizar, na formação dos policiais, elementos que reforcem a identidade do projeto, a novidade do modelo de policiamento e a importância do trabalho que irão realizar.
- Percebe-se também a necessidade de um espaço (físico ou virtual) de escuta das demandas dos policiais e de discussão para a troca de informações e sugestões, assim como para a orientação e o apoio ao trabalho que realizam.

👉 Um dos fatores que podem ajudar a entender a baixa identificação dos policiais com o projeto é a expectativa de que ele não irá perdurar: 70% dos entrevistados concordaram com a afirmativa corrente de que as UPPs foram criadas só para garantir a segurança da Copa do Mundo e das Olimpíadas.

- Parece, portanto, ainda não estar claro para os policiais que as UPPs representam uma inflexão na política de segurança e que vieram para ficar.
- A tradição de projetos inovadores abortados no Rio de Janeiro (policiamento comunitário, GPAE etc.) muito provavelmente influencia essa incerteza quanto à sustentabilidade no tempo das UPPs.

👉 Alguns elementos cruciais para a efetivação do modelo de policiamento comunitário ou de proximidade não foram ainda suficientemente enfatizados, como atestam:

- as carências, percebidas pelos próprios policiais, de formação nos temas violência doméstica, mediação de conflitos e uso de armamentos menos letais;
- as baixas percentagens de entrevistados que disseram ter tentado estabelecer contato com instituições (ONGs, associações, igrejas etc.) que atuam nas comunidades.

👉 Avaliações negativas sobre condições de trabalho aparecem em todas as pesquisas com policiais. Mas, no caso das UPPs, elas contrastam vivamente com a imagem externa positiva de mudança, de inovação, e alimentam a percepção de que o projeto traz melhorias para todos, menos para os policiais envolvidos.

- É importante, assim, que os policiais se sintam também beneficiados com as mudanças, evitando que as limitações estruturais contaminem suas percepções sobre as UPPs.